

UNESP - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FAAC - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação
DCSO - Departamento de Comunicação Social
Curso de Comunicação Social - Jornalismo

ANA CAROLINA PONTALTI MONARI

RELATÓRIO DO LIVRO-REPORTAGEM

Toque de Anjo

Bauru
2015

ANA CAROLINA PONTALTI MONARI

RELATÓRIO DO LIVRO-REPORTAGEM

Toque de Anjo

Memorial de Projeto Experimental apresentado em cumprimento parcial às exigências do curso de Comunicação Social - Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, do Departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual Paulista (UNESP), para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo.

·
Orientador do Projeto Experimental:
Prof. Dr. Cláudio Bertolli Filho

Bauru
2015

ANA CAROLINA PONTALTI MONARI

RELATÓRIO DO LIVRO-REPORTAGEM

Toque de Anjo

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Cláudio Bertolli Filho
Orientador

Prof. Dr. Angelo Sottovia Aranha
Universidade Estadual Paulista (UNESP)

Prof. Paulo Roberto Cruz
Faculdades Integradas de Jaú (FIJ)

AGRADECIMENTOS

A minha avó Geraldina Monegatto Monari, que me apoiou em todos os momentos para que eu pudesse cumprir o objetivo de escrever o livro-reportagem, por toda a paciência, dedicação e palavras de conforto nos momentos mais complicados ao longo do processo de desenvolvimento da obra.

Aos meus pais José Aparecido Monari e Sonia Maria Pontalti Monari (*in memoriam*), que acreditaram no meu sonho de ser jornalista muito antes de eu concretizá-lo. Aos meus irmãos, Carla Juliana Pontalti Monari e Moacir Ivo Pontalti Monari, que me mostraram o caminho do conhecimento desde criança e me ouviram com cada ideia sobre o livro, quando ele ainda era apenas uma proposta distante.

Aos meus amigos tupãenses, jauenses e bauruenses, principalmente ao Renan Moraes, Ana Luiza Martins, Lívia Fini Rodrigues, Otávio Frabetti, Murilo Barbosa, Larissa Roncon, Deivide Sartori, Paula Vigneron, Ariane Urbanetto, Leandro Carvalho e Albert Molan, que me aguentaram nos últimos anos, presencialmente ou pelas redes sociais, e ofereceram sugestões, críticas, auxílio com livros e depoimentos para a conclusão deste trabalho.

À Entidade Anna Marcelina de Carvalho, que me abriu as portas para a realização das entrevistas e a todos os voluntários que atuam, diretamente ou indiretamente, no Hospital Amaral Carvalho (HAC). Sem vocês, o livro não seria possível.

Ao professor Cláudio Bertolli Filho, pelo apoio incondicional em todo o processo. Sem sua experiência, compreensão, paciência e sugestões nos momentos-chave da produção, seria difícil concluir o plano pré-estabelecido no início de 2014.

A Lúgia Ferreira, que me alertou, ainda em 2013, sobre o potencial incrível que o HAC tinha em render boas histórias e me incentivou a viabilizar o projeto.

A todos que contribuíram para esse momento, muito obrigada!

RESUMO

Os planos de saúde do Brasil, sejam públicos ou privados, não oferecem a totalidade dos procedimentos propostos pela Constituição Federal aos mais de 190 milhões de habitantes do país. Diante da demora no agendamento de consultas, exames e operações, filas e falta de leitos, médicos e enfermeiros procuram humanizar o atendimento. É nesse cenário que os voluntários são fundamentais para garantir o bom funcionamento das unidades hospitalares. O livro-reportagem Toque de Anjo mostra a realidade dos voluntários da Entidade Anna Marcelina de Carvalho, fundação vinculada ao Hospital Amaral Carvalho de Jaú (SP), para refletir sobre o impacto da humanização proporcionada por eles aos pacientes com câncer.

Palavras-chave: voluntariado; livro-reportagem; Hospital Amaral Carvalho; Entidade Anna Marcelina de Carvalho; câncer

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 SAÚDE PÚBLICA NO BRASIL	9
2.1 VOLUNTARIADO	12
3 O PROJETO	15
3.1 PROBLEMA	165
3.2 PROPOSTA	16
3.3 JUSTIFICATIVA.....	17
3.4 OBJETIVOS	17
3.4.1 Objetivo geral	17
3.4.2 Objetivos específicos	18
3.5 METODOLOGIA.....	18
3.5.1 Método de abordagem	18
3.5.2 Métodos de procedimento	18
4 FUNDAMENTOS TEÓRICOS	20
4.1 ENTREVISTA.....	23
4.2 ETNOGRAFIA.....	25
5 O LIVRO-REPORTAGEM	28
5.1 POR QUE A ENTIDADE ANNA MARCELINA DE CARVALHO?	28
5.2 PÚBLICO-ALVO	31
5.3 DESCRIÇÃO DO PRODUTO	31
5.4 FOTOS.....	32
5.5 FONTES E ENTREVISTADOS.....	33
5.6 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO.....	34
5.7 CUSTOS DO PROJETO.....	34
5.8 EQUIPAMENTOS UTILIZADOS.....	34
5.9 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS.....	35

5.9.1 Dificuldades	35
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	37
APENDICE	39
ANEXOS.....	40

1 INTRODUÇÃO

O Hospital Amaral Carvalho (HAC) é uma unidade pública hospitalar referência no tratamento de pacientes com câncer e no transplante de medula óssea em todo o Brasil. O complexo, composto pela instituição, setores administrativos e de apoio, além de unidades de assistência social e atividades culturais, é mantida pela Fundação Amaral Carvalho, considerada a mais antiga entidade filantrópica privada de assistência à saúde no país.

Anualmente, 75 mil pessoas, de todos os estados brasileiros, são atendidas no HAC, que completa cem anos em 25 de dezembro de 2015. A promoção de saúde do hospital é diferenciada, uma vez que busca garantir o bem-estar dos pacientes, desde o ingresso no tratamento até a cura. E o auxílio aos médicos e enfermeiros nesse processo é garantido pelos voluntários da Entidade Anna Marcelina de Carvalho, que atuam de forma humanizada em sua sede e nos demais órgãos gerenciados pela unidade filantrópica.

A proposta deste projeto – com a produção de um livro-reportagem – foi apresentar uma narrativa que mostrasse o trabalho dos voluntários da entidade para que o leitor, interessado por perfis, possa compreender a importância desse serviço no tratamento dos pacientes com câncer.

O Brasil é um país de contrastes e desigualdades sociais, fator que mobiliza a criação de novas instituições e organizações sociais para diminuir os déficits em educação, transporte público, meio-ambiente e, por que não, na saúde? Lucilda Selli et al. (2008) explica que a própria Organização Mundial da Saúde (OMS) aposta na ação social voluntária como um novo espaço de transformação social. Segundo a autora:

No Brasil, as desigualdades sociais mobilizam o surgimento de novas organizações sociais, aliadas às tradicionalmente existentes, com a ampliação da quantidade de voluntários e de espaços para esta prática. A atividade voluntária é elemento agregador na construção da justiça social. (SELLI et al., 2008, p. 1086)

Sendo assim, ao conhecer as histórias dos quase 200 voluntários da Anna Marcelina de Carvalho, o público terá uma fonte de informações para futuras coberturas jornalísticas sobre voluntariado hospitalar e poderá despertar o interesse para essas ações comunitárias, que são de extrema relevância social no século XXI.

Além disso, ao relatar os benefícios proporcionados por esses agentes, as páginas do livro pretendem demonstrar o retorno que esse tipo de trabalho traz para quem o realiza, como o bem-estar pessoal e o restauro de relações familiares.

O livro-reportagem possibilita a aplicação de técnicas específicas, que também garantem a aproximação do leitor com pessoas que não têm voz na mídia regional, estadual, nacional ou até mesmo internacional. Abordar o panorama da entidade contribui para o debate de políticas na área de saúde pública dentro de universidades e instituições de ensino, bem como na sociedade em geral.

2 SAÚDE PÚBLICA NO BRASIL

O Brasil é uma república federativa cujo território abrange 8,5 milhões de quilômetros quadrados ou 47% da área correspondente à América do Sul. O país é considerado o quinto mais populoso do planeta com 190.732.694 habitantes (IBGE, 2010).

A grande extensão de áreas habitáveis e o elevado número de habitantes refletem em desigualdades regionais e sociais, como, por exemplo, os problemas do sistema de saúde. Filas frequentes nos serviços, a falta de leitos hospitalares para atender à demanda da população, a escassez de recursos financeiros, materiais e humanos para manter os serviços de saúde operando com eficácia e denúncias de abusos cometidos pelos planos e seguros de saúde privados são corriqueiros na realidade dos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS).

A falta de estrutura está apoiada na ausência de políticas eficazes no setor desde o Brasil Colônia. Não havia assistência à saúde até a chegada da família real portuguesa em 1808. Nesse período, surgiu a necessidade de uma estrutura mínima para dar suporte aos interesses da coroa que se instalava no Rio de Janeiro.

Por isso, foram criadas as duas primeiras escolas de medicina no país: o Colégio Médico-Cirúrgico no Real Hospital Militar da Cidade de Salvador e a Escola de Cirurgia do Rio de Janeiro. A medida é a única intervenção governamental na área da saúde até a República, já que as atividades estavam limitadas às atribuições sanitárias e ao controle de navios.

No início do século XX, o país foi assolado pela febre amarela, doença que prejudicava a exportação da produção cafeeira nos portos, uma vez que os navios estrangeiros não queriam atracar em solo brasileiro. Para reverter a situação, o governo controlava a epidemia nos espaços de circulação de mercadorias, ou seja, estradas e portos, principalmente, os do Rio de Janeiro e Santos.

Jeferson Dutra de Vargas (2008) afirma que o Rio de Janeiro não tinha nenhum saneamento básico e várias doenças graves como a varíola, malária, febre amarela e peste bubônica espalhavam-se facilmente. Para não afetar os interesses econômicos, o governo agiu de forma rápida para solução do problema. Como ele destaca:

O presidente então nomeou o médico Oswaldo Cruz, como Diretor do Departamento Federal de Saúde Pública, para solucionar o problema. Numa ação polícial, o sanitarista convocou 1.500 pessoas para ações que invadiam as casas, queimavam roupas e colchões, sem nenhum tipo de ação educativa. A população foi ficando cada vez mais indignada e o auge do conflito foi a instituição de uma vacinação obrigatória, anti-varíola. A população saiu às ruas e iniciou a Revolta da Vacina, que acabou por afastar Oswaldo Cruz. (VARGAS, 2008 apud INDRIUNAS, 2008, p.12)

O modelo campanhista desenvolvido por Cruz resultou em importantes conquistas sanitárias para o Brasil. Doenças como a febre amarela, por exemplo, foram erradicadas no Rio de Janeiro, o que fortaleceu e perpetuou esse método de intervenção na saúde pública por décadas.

O médico incorporou elementos para auxiliar as ações de saúde. Vargas, (2008 apud POLIGNANO, 2008, p.12) cita o registro demográfico para conhecer a composição e os fatos vitais de importância da população, introdução do laboratório como auxiliar do diagnóstico etiológico e a fabricação organizada de produtos profiláticos para uso em massa como conquistas do período.

Após a II Guerra Mundial, o Brasil recebe influência dos padrões americanos na área da saúde e isso refletiu na construção de um modelo de atenção, pelo qual grandes hospitais e equipamentos garantiam o atendimento médico para determinadas regiões. O método reduziu o poder da rede de postos de saúde, cujos custos eram menores para o Estado.

Nesse período, também surgiu a medicina de grupo, ou seja, os convênios. Contudo, o modelo atual de saúde pública foi concebido apenas em 1988. Dois anos antes, a VIII Conferência Nacional de Saúde discutiu a nova proposta de estrutura e política do setor. Essa conferência, realizada em Brasília, proporcionou bases para propostas de reestruturação do então sistema de saúde brasileiro, a serem discutidas e defendidas na Assembleia Nacional Constituinte, instalada no ano seguinte e que teria o propósito de elaborar a nova constituição. O relatório da conferência “destaca o conceito ampliado de saúde, declarando-a como direito de todos e dever do Estado” (VARGAS, 2008, p.19).

A Constituição da República Federativa do Brasil, promulgada em 1988, incorporou pontos importantes propostos pelo relatório da conferência. Entre eles é possível citar as medidas de reforma sanitária no plano jurídico-institucional e a seguridade social, pelo qual a saúde é considerada direito de todos e dever do

Estado. O último item foi base para as diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS), no modelo vigente.

O SUS é formado por uma rede complexa de prestadores e compradores de serviço que disputam o mercado entre si por meio de licitação pública. Sua implementação ocorreu em 1990, durante o governo de Fernando Collor de Mello, mesmo período do lançamento do Programa Saúde da Família (PSF).

O sistema inclui iniciativas em vários setores da saúde pública. Jairnilson Paim et al. (2011) cita o programa nacional de controle e prevenção HIV/AIDS, maiores esforços para o controle do tabagismo, a criação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária, o estabelecimento da Agência Nacional de Saúde Suplementar e a criação de um modelo de atenção à saúde indígena como medidas tomadas pelo governo para promover o sistema.

O SUS propõe ações de estímulo e vigilância em saúde, controle de vetores e educação sanitária. Além disso, o Estado assegura os cuidados em níveis primário, ambulatorial especializado e hospitalar para toda a população, porém, o sistema ainda está em desenvolvimento e,

embora o financiamento federal tenha aumentado cerca de quatro vezes desde o início da última década, a porcentagem do orçamento federal destinada ao setor de saúde não cresceu, levando a restrições de financiamento, infraestrutura e recursos humanos. (PAIM et al, 2011, p. 28).

O Ministério da Saúde instituiu a criação de uma Política Nacional de Humanização para reforçar os direitos dos pacientes e reduzir os casos de discriminação. Apesar do apoio garantido pelo Código de Ética Médica, ainda são necessárias melhorias e novas políticas para garantir boas condições no cuidado, segurança e direitos dos beneficiários.

Em uma tentativa de resolver esse impasse, algumas secretarias municipais de saúde e Estados como São Paulo e Minas Gerais, por exemplo, “desenvolveram suas próprias abordagens para a melhoria da qualidade dos cuidados em saúde” (PAIM et al, 2011, p. 27). Para atender as demandas cada vez mais proeminentes e de grande amplitude social dos níveis curativos e preventivos, além da promoção do desenvolvimento humano, os funcionários – médicos, enfermeiros, entre outros – se esforçam para humanizar o atendimento.

O voluntariado em unidades hospitalares, por exemplo, auxilia nesse processo de estar mais próximo do paciente e entender as especificações técnicas do tratamento. Ao enquadrar o interno como ser humano e não apenas como mais um na fila de consultas ou procedimentos, a instituição diferencia seus serviços e pode vir a ser referência na área para outras corporações.

2.1 VOLUNTARIADO

As desigualdades sociais existentes no Brasil em setores como educação, transportes, moradia e gênero, também estão presentes na saúde. No país, é comum o crescimento e a criação de organizações para combater problemas intrínsecos nessas áreas, que servem como alento para quem quer ocupar parte do seu tempo ajudando o próximo.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) desempenha um importante papel na melhoria de políticas e serviços na área, por meio de transferência de tecnologia e da ampliação de conhecimentos adquiridos em suas experiências nas nações-participantes. Com um trabalho de cooperação internacional exercido por técnicos e cientistas vinculados à Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS/OMS), o órgão promove estudos e ações especializadas em epidemiologia, saúde e ambiente, recursos humanos, comunicação, serviços, controle de zoonoses, medicamentos e promoção da saúde.

A entidade referência no assunto

aposta na ação social voluntária como um novo espaço de transformação social. A sociedade brasileira encontra-se num período de valorização e ampliação do espaço da sociedade civil no enfrentamento de problemas sociais. (SELLI et al, 2008, p. 1086).

A ineficiência no cumprimento das demandas impostas ao SUS – desde a prevenção até o tratamento – pode ser amenizada com a presença constante de voluntários em unidades de saúde, principalmente, em hospitais. Ao favorecer a instituição que o promove, o voluntariado também traz satisfações para os indivíduos que os praticam e contribuem para a humanização dos cuidados em ambientes estruturados e cientificistas.

Quando bem orientados, os voluntários asseguram a compatibilidade entre o programa de promoção de saúde e os elementos dessa organização, porque são capazes de traduzir os conceitos técnicos de saúde em termos compreensíveis para os pacientes, por exemplo, fator que evita falhas culturais que nem sempre médicos e enfermeiros percebem na hora de oferecer o diagnóstico correto às pessoas.

A filantropia também é uma maneira de sustentar outros setores da unidade que não são contemplados com verbas, como a assistência social para indivíduos carentes ou a promoção de eventos para angariar fundos em prol da manutenção da instituição.

É por isso que nesse cenário pós-moderno, a presença do voluntariado é fundamental. Landim e Scalon (2000) afirmam que o país apresenta aumento da oferta e procura por serviços voluntários nos mais diferentes setores. Moniz e Araújo (2008) explicam:

No Brasil, o vertiginoso aumento da oferta e procura por serviços voluntários nos mais diferentes setores culminou com a sanção da Lei do Voluntariado como sendo uma atividade não-remunerada prestada por alguém a uma entidade pública ou instituição sem fins lucrativos com objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência, dissociada de qualquer obrigação de natureza trabalhista, previdenciária ou afim, regulamentada por um termo de adesão estabelecido entre a entidade e o prestador do serviço [...] o setor de saúde recebe 6,5% do tempo dedicado aos serviços voluntários. (MONIZ; ARAÚJO, 2008 apud LANDIN, L; SCALON, M.C., 2008, p.149-150)

As consequências do voluntariado para o sistema público de saúde vão além de satisfação pessoal do voluntário. O indivíduo que ajuda a outras pessoas pode elaborar uma forma de enfrentamento aos agentes estressores daqueles que auxilia. Sendo assim, o paciente não se sente vítima de seus problemas, mas um indivíduo capaz de agir e reagir para solução da situação.

Um estudo realizado em unidades de atendimento a portadores de câncer comprovou que o trabalho voluntário é “valorizado por pacientes e enfermeiros, ao fornecer suporte psicossocial aos enfermos e familiares e suporte instrucional com informações e resolução de problemas práticos no meio hospitalar” (MONIZ; ARAÚJO, 2008 apud KARMANN; TAMBURINI, 2008, p.151).

O voluntário proporciona para seus assistidos uma distração que os afasta dos próprios problemas, aumentando com isso o senso de valor e significado da

própria vida, de autocompetência e o estímulo ao senso de humor, que culmina em sua integração social.

Além de ajudar o próximo, o indivíduo que se dispõe a oferecer parte do seu tempo em prol da filantropia também recebe benfeitorias. De acordo com Lucilda Selli et al. (2008), o paciente é beneficiado porque recebe amor, atenção, apoio e cuidado, em contrapartida, o voluntário se beneficia porque é realizador de si mesmo.

Na pesquisa – publicada em artigo -, os entrevistados estabeleceram uma relação de reciprocidade, na qual ambos são destinatários e sujeitos do benefício, apresentando uma noção de horizontalidade na relação. Sendo assim:

Compartilhar sofrimento traduz uma ligação empática e esse encontro com a dor do outro re-significa o cotidiano da existência ao compreender os benefícios do trabalho em uma perspectiva de interdependência. (SELLI et al., 2008, p.1088)

Contudo, ser voluntário implica responsabilidades e são necessários cursos de formação para atuar em unidades hospitalares, principalmente em locais que oferecem tratamento para pacientes crônicos. O estresse devido aos procedimentos pode influenciar a atuação das pessoas, o que pode desencadear encargos para a direção da instituição, fator não interessante para aquelas que sobrevivem com recursos do SUS.

Moniz e Araújo (2008) apontam que a maioria dos indivíduos que praticam essa ação contam apenas com a própria disposição e empenho, sem nenhum preparo ou acompanhamento.

Treinamentos constantes e capacitações diminuem a fragilidade das relações entre as associações voluntárias e as corporações de saúde, permitindo às pessoas que desenvolvam seus trabalhos com qualidade e sem prejuízos, uma vez que a expectativa de compromisso não pode ser exigida ao grupo sem nenhum vínculo empregatício.

3 O PROJETO

3.1 PROBLEMA

Apesar de a proposta ser atender de forma igualitária a população brasileira, o Sistema Único de Saúde (SUS) ainda apresenta problemas em sua aplicação nas Unidades Básicas de Saúde (UBSs), pronto-atendimentos e hospitais gerais e especializados. Com as filas para consultas e exames crescendo dia após dia, médicos, enfermeiros, funcionários e voluntários buscam humanizar a assistência aos pacientes.

O serviço desempenhado por funcionários das instituições de saúde é bem conhecido pelas mídias local, regional e nacional, porém o trabalho desenvolvido pelos voluntários não é tão esmiuçado, principalmente em corporações especializadas no tratamento de doenças crônicas como o câncer.

O Hospital Amaral Carvalho (HAC) de Jaú, por exemplo, atende 75 mil pacientes com câncer por ano, de todos os Estados do Brasil, e realiza mais de 1 milhão de procedimentos, incluindo quimioterapia e radioterapia. Em seu centenário, a unidade confirma anos de dedicação à promoção da saúde e do bem-estar dos pacientes com a doença, fato que só poderia ser feito com a ajuda dos voluntários da Entidade Anna Marcelina de Carvalho. Os 16 grupos filantrópicos pertencentes à entidade auxiliam os internos com palavras de apoio e afeto no leito hospitalar e com o fornecimento de alimentos para aqueles que não têm condições de permanecer na cidade.

Portanto, com este projeto, por meio do trabalho jornalístico, buscam-se compreender quais são os benefícios oferecidos pelo voluntariado da Anna Marcelina de Carvalho aos pacientes com câncer, constatando sua influência para o bom andamento do tratamento na unidade. Além disso, a elaboração de perfis e a publicação do livro-reportagem objetivam entender até que ponto os voluntários também recebem as benfeitorias do serviço prestado e despertar a ação filantrópica nos leitores.

3.2 PROPOSTA

Com base em outros estudos e trabalhos realizados durante a graduação em jornalismo pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) observou-se a falta de pesquisas sobre o voluntariado no âmbito da comunicação. Na mídia local e regional – Jaú e Bauru -, o Hospital Amaral Carvalho é apenas conhecido pela excelência no tratamento do câncer e é referência quando o assunto é transplante de medula óssea.

Sobre o voluntariado da Entidade Anna Marcelina de Carvalho, apenas o grupo Remédicos do Riso ganha visibilidade nos veículos de comunicação, uma vez que a objetivo do seu trabalho é oferecer alegrias e distrações durante o período em que o paciente permanece na unidade hospitalar. Os demais 15 grupos são pouco falados ou nem mencionados pelos jornalistas.

Considerando tal fato, é necessário que a sociedade conheça as atividades desenvolvidas por esses agentes sociais dentro dos hospitais brasileiros. Este projeto propôs um livro-reportagem com os voluntários da Entidade Anna Marcelina de Carvalho, corporação vinculada a Fundação Amaral Carvalho (FAC), de Jaú, instituição mantenedora do hospital.

A entidade conta com 16 grupos de voluntários, sendo eles grupos de: empacotamento de bolachas, estética, almoxarifado, confecção de prótese mamária, estoque, Bazar Amar, Bazar Permanente, Bazar Amor Perfeito, chá, artesanato, Pastoral da Saúde, apoio às refeições, Casa de Apoio do Transplante de Medula Óssea (TMO), visita domiciliar, estética e Remédicos do Riso.

A proposta deste trabalho é apresentar uma narrativa que mostre, por meio de nove perfis, o panorama do dia a dia dos voluntários da entidade e com isso comprovar como o exercício de suas atividades auxilia no bem-estar dos pacientes em tratamento do câncer.

O *Toque de Anjo* trouxe uma abordagem amena, mas, ao mesmo tempo, aprofundada do tema. A diagramação, linguagem do texto e conteúdo foram leves para valorizar a identificação do leitor com as histórias retratadas no produto e também para amenizar a temática, que aborda um assunto tão denso como é o relativo ao câncer.

3.3 JUSTIFICATIVA

O Hospital Amaral Carvalho (HAC) em Jaú (SP) é especializado no tratamento de câncer e figura como um dos principais centros de oncologia do Brasil. Há uma série de trabalhos realizados a respeito de sua missão humanizadora e seus projetos em prevenção e tratamento oncológico. A instituição recebe pacientes de todo o país, que saem dos mais diferentes estados em busca de reabilitação.

Contudo, o trabalho dos profissionais e voluntários que garantem a estadia dessas pessoas dentro e fora do hospital e proporcionam bem-estar durante o período de tratamento não é foco das mídias locais, nacionais e internacionais ou são alvos de pesquisas científicas. Não há um estudo ou publicação nos veículos de comunicação que mostre uma série de perfis com foco nos voluntários, que fazem do Hospital Amaral Carvalho (HAC) ser referência nacional e proporcionam qualidade de vida e esperança aos pacientes.

Por isso, a proposta do livro-reportagem é mostrar o papel desses agentes sociais na instituição. A série de perfis dos voluntários que contribuem para a reabilitação dos pacientes mostrará a rotina de atividades, histórias de vida e experiências que marcaram aqueles que fazem a diferença dentro do hospital. Mostrará também como esse trabalho mudou suas concepções de mundo e garantiu benfeitorias para a vida dos voluntários.

O foco também é mostrar a relação de humanização que é um dos valores do HAC e proporcionar ao leitor o conhecimento de que o hospital conta com profissionais e voluntários dispostos a concretizar essa missão, podendo até despertar a necessidade de contribuir com a ação. O leitor conhecerá pessoas que não estão presentes na mídia tradicional local e nacional.

3.4 OBJETIVOS

3.4.1 Objetivo geral

Produzir um livro-reportagem sobre o trabalho realizado pelos voluntários da Entidade Anna Marcelina de Carvalho com os pacientes em tratamento do câncer.

3.4.2 Objetivos específicos

- Entender o processo de livro-reportagem e a criação de perfis.
- Pesquisar o método utilizado na criação de livros-reportagens nacionais e internacionais
- Conhecer a rotina e a vida dos voluntários dos 16 diferentes grupos da entidade.
- Realizar entrevistas com cada voluntário e observar o local de atuação dos entrevistados.
- Verificar o impacto que a humanização proporciona pelos voluntários da entidade aos pacientes.
- Com os perfis finalizados, permitir que os leitores, por meio da história, promovam reflexão sobre como o voluntariado pode impactar positivamente no tratamento dos pacientes com câncer.
- Despertar a noção de voluntariado nos leitores.

3.5 METODOLOGIA

3.5.1 Método de abordagem

O método de abordagem será o hipotético-dedutivo, uma mescla do indutivo e dedutivo, uma vez que a discente parte do pressuposto que há uma lacuna de informação na mídia jornalística sobre o impacto que o voluntariado pode oferecer aos pacientes com câncer. Com isso, a elaboração do livro-reportagem serve como um produto para disponibilizar a população brasileira maior entendimento sobre o tema.

3.5.2 Métodos de procedimento

O processo de pesquisa delimitado para o projeto foi a pesquisa exploratória e a classificação quanto aos procedimentos técnicos foi o estudo de campo, que é menos abrangente, mas tem maior profundidade porque a pesquisa é feita no local

onde os fenômenos ocorrem. A coleta de dados foi feita por meio de entrevistas, etnografia, história oral e observações.

4 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Considerado como uma nova linha de produção de reportagens, o New Journalism despontou nos Estados Unidos na década de 1960 sendo uma maneira de igualar, em qualidade narrativa, o jornalismo à literatura. Ao aperfeiçoar os meios sem perder a especificidade, a técnica iria elevar a captação do real, abrindo possibilidades vastas para publicações periódicas em jornais e revistas e, posteriormente, para livros-reportagem.

Edvaldo Pereira Lima define em *Páginas Ampliadas* (2009) que dois fatores contribuíram para a criação do “novo jornalismo”. O primeiro elemento seria a crescente divisão, dentro das redações, entre jornalistas que escrevem matérias “quentes” e os que escrevem as “frias” (features), sendo que os últimos eram classificados como repórteres de conteúdos de interesse humano, o que poderia significar qualquer coisa menos atraente que a cobertura de grandes tragédias ou eventos políticos. É dentre os jornalistas de assuntos “frios” que se começa a experimentação do jornalismo literário.

O segundo aspecto apontado pelo autor está o paradoxo do romance americano dessa época. Até a década de 1960, predomina o romance com o orgulho de criação literária. Por isso, havia profissionais de todas as áreas – mas principalmente da indústria cultural e comunidade acadêmica de literatura – circulando pela América com o propósito de lançar a sua grande obra.

Contudo, o período também é marcado por uma grande movimentação das transformações sociais, comportamentais e culturais da contracultura e correntes paralelas. Nova Iorque se transformou em um centro para receber parte dessas experiências e ruptura de valores e modos de vida. É neste meio que se fundamenta o New Journalism, como disserta Lima:

Por aí vão aos poucos penetrando os pioneiros do *novo jornalismo*, afiando suas armas, mergulhando cada vez mais fundo na realidade em rápida transformação, sentindo de perto e por dentro o pulsar da sociedade americana em conflito consigo mesma para nascer de mais uma de suas múltiplas faces contemporâneas. Começam pelos *features*. Mas aos poucos o vão transformando até o ponto de não mais haver a identificação com o modelo que lhes dá partida. (LIMA, 2009, p.194).

Dos jornais *Herald Tribune*, *Daily News*, e *The New York Times*, a técnica ou movimento se expande para as revistas dominicais e alguns periódicos, além de revistas independentes como as notáveis *The New Yorker* e *Esquire*. Mas o grande expoente desse tipo de narrativa só chegou com as publicações dos livros-reportagem, tendo como início a obra *A sangue frio*, de Truman Capote, publicado originalmente em 1965.

No deserto, o som quase sempre antecede a imagem. Dick ouviu as fracas vibrações de um carro que vinha na direção deles, ainda invisível. Perry também ouviu; guardou a gaita no bolso, pegou a mala de palha (a única bagagem dos dois, inchada e deformada com o peso dos souvenirs de Perry e mais três camisas, cinco pares de meia branca, uma caixa de aspirina, uma garrafa de tequila, tesouras, um barbeador, e uma lima de unhas; todos os demais pertences dos dois tinham sido penhorados, deixados com o garçom mexicano ou enviados para Las Vegas), e alinhou-se com Dick à beira da estrada. (CAPOTE, 2007, p.200).

A estrutura do New Journalism começou a ganhar força no Brasil nas décadas de 1960 e 1970, apesar da mescla do jornalismo com a literatura já ter sido experimentada por Euclides da Cunha em *Os Sertões*, obra que representa uma antecipação da técnica.

A revista *Realidade* (1966) também pode ser considerada como uma grande receptora das influências do novo jornalismo americano, apesar de não ter chegado a “atingir o grau de experimentalismo ousado que alcançou o new journalism, mas sem dúvida veiculou um texto de ruptura para com o próprio texto do jornal e revista” (LIMA, 2009, p. 229).

Sem grandes espaços nos veículos impressos diários, os apaixonados por essa forma de narrar histórias e experiências de vida encontram nos livros-reportagem uma maneira de perpetuar e propagar suas obras para leitores de todo o mundo. Os destaques brasileiros vão para Ruy Castro, Fernando Morais, Jorge Caldeira, Humberto Werneck, Eliane Brum e Caco Barcellos, sendo este grande influência para o *Toque de Anjo*.

Semelhante em alguns aspectos ao que Truman Capote realizava na década de 1960, Barcellos segue uma linha de jornalismo investigativo, trazendo elementos humanos, documentos e narrativas de tirar o fôlego do leitor em dois de seus livros

mais famosos, que são *Rota 66* (1992) e *O abusado* (2003), em que ele expõe a realidade do tráfico nos morros cariocas.

Elementos como liberdade textual para o acréscimo de expressões próprias dos personagens, descrição de detalhes, entrevistas mais humanizadas e aproximação do objeto de estudo, transformam suas obras em verdadeiras fontes de estudo sobre livro-reportagem e New Journalism.

Lima determina a reportagem como um aprofundamento igualmente extensivo e intensivo de determinado assunto, além de proporcionar a real compreensão do tema no contexto contemporâneo. Ele classifica livro-reportagem em várias denominações como depoimento, retrato, ciência, ambiente, instantâneo, entre outros. O *Toque de Anjo* utiliza a perfil, que segundo ele:

[Livro-reportagem perfil] Trata-se da obra que procura evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personagem anônima que, por algum motivo, torna-se de interesse. No primeiro caso, trata-se, em geral, de uma figura olimpiana. No segundo, a pessoa geralmente representa, por suas características e circunstâncias de vida, um determinado grupo social, passando como que a personificar a realidade do grupo em questão. (LIMA, 2009, p. 51-52)

A escolha por esse formato possibilitou maior aprofundamento no tema, uma vez que os quase 200 voluntários formam um conjunto indissociável e a eleição de apenas uma fonte dentre os participantes não faria jus ao trabalho realizado por todos dentro do hospital ou na sede da instituição.

O gênero textual perfil evidencia as histórias obtidas por meio de entrevistas e permite compreender o indivíduo em diferentes nuances, valores e motivações. Essa abordagem também garante empatia ao conteúdo do texto, como Sérgio Vilas Boas destaca:

Os perfis cumprem um papel importante que é exatamente gerar empatias. Empatia é a preocupação com a experiência do outro, a tendência a tentar sentir o que sentiria se existisse nas mesmas situações e circunstâncias experimentadas pelo personagem. (VILAS BOAS, 2003, p. 14)

Além disso, o autor acredita que os leitores se identificam com esse tipo de narrativa, porque podem se visualizar nas situações expressas na reportagem, encontrando tempo para lê-las e comentá-las com outras pessoas de seu círculo social.

4.1 ENTREVISTA

Sendo um dos principais meios de apuração de informações do jornalismo, a entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando, assim, isolamentos grupais, individuais e sociais, conforme define Cremilda Medina em *Entrevista: o Diálogo Possível* (2002).

Nas redações jornalísticas, a prática de entrevista pode ser feita presencialmente, por telefone ou, graças aos avanços tecnológicos, por e-mail ou redes sociais. O principal objetivo desse método é ouvir, perguntar e conversar com a fonte com a finalidade de conhecer os detalhes da história que o indivíduo quer transmitir. Nos livros-reportagem, contudo, outras características devem ser levadas em consideração na hora de entrevistar como o comportamento, o local e as expressões faciais do entrevistado.

Principalmente na elaboração de perfis, é válido obter o máximo de informações possíveis por meio da interação social, que envolve, além da técnica, um compromisso com a comunicação técnica. Como ela destaca:

O entrevistado também deve ser considerado. Sua atitude, da mesma forma que a do entrevistador, poderá ser monolítica, autoritária, agressiva (é só lembrar o comportamento de Jânio Quadros com a Imprensa), sem capacidade ou permeabilidade para o diálogo. Haverá aí um obstáculo considerável para o entrevistador poder trabalhar. Uma fonte de informação que não identifica seu compromisso social de delegar informações à comunidade, certamente imporá barreiras psicossociais. Ou seja, um democrata age democraticamente liberando o diálogo. Um autoritário age autoritariamente sonhando o diálogo. (MEDINA, 2008, p.29-30).

No cotidiano jornalístico, o valor das fontes oficiais – fornecidas por membros ou instituições dos poderes municipais, estaduais e federais, além de corporações e instituições – é maior que as individuais, o que pode nem sempre corresponder à realidade de determinado tema.

O New Journalism abre a possibilidade de não exclusividade dessas fontes, aumentando as opções e garantindo voz para aqueles que não têm espaço na mídia tradicional. O escritor norte-americano e um dos fundadores do jornalismo literário Gay Talese usava esse recurso na elaboração de perfis para a revista *Esquire*, por exemplo.

Captar as histórias dos entrevistados de forma intimista e aprofundada não tem espaço no tempo de apuração enxuto das grandes redações, que necessitam da reportagem pronta para o dia seguinte ou, no máximo, para semana que vem.

José Carlos Sebe Bom Meihy define história oral em seu livro *Manual da História Oral* (2000) como um recurso moderno usado para elaboração de documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e grupos. Como uma história do tempo presente e também reconhecida como história viva.

Esse método foi utilizado em *Toque de Anjo* para obter relatos sobre voluntariado da Entidade Anna Marcelina de Carvalho. No contexto hospitalar, esses

indivíduos, isoladamente, colocam-se como narradores de suas histórias, assim, ganham significado tanto pela singularidade como pelo coletivo que representam. As histórias pessoais ganham alcance social na medida da inscrição de cada pessoa nos grupos mais amplos que as explicam. (MEIHY, 2000, p. 11).

O projeto se valeu do agendamento de entrevistas prévias aos grupos de voluntários, que têm dias fixos para a realização de seu trabalho. Apesar de a discente possuir um roteiro de perguntas prévias, o diálogo realizado com as pessoas possibilita o acréscimo de informações que jamais seriam imaginadas a partir de pressupostos feitos fora do local de ação.

A história oral garante depoimentos únicos, uma vez que pode ser feita com base em apenas uma fonte, em algumas ou em um conjunto grande de entrevistados e dá espaço, preferencialmente, a aspectos ocultos das manifestações coletivas, como Meihy afirma:

A história oral se preocupa com as versões individuais sobre cada fenômeno e que ela apenas se justifica em razão da soma de argumentos que caracterizam a experiência em conjunto. Com isso afirma-se que cada depoimento para a história oral individual tem peso autônomo. (MEIHY, 2000, p.19)

O conjunto de procedimentos caracterizado como história oral também pode ser considerado como um método científico, porque serve como uma alternativa para privilegiar os depoimentos como um ponto central dos estudos de análise.

As entrevistas realizadas para a elaboração de um livro-reportagem, com a produção de perfis, devem levar em consideração os sentidos oferecidos pelos personagens. Sérgio Vilas Boas em *Perfis e como escrevê-los* (2003) aponta que um texto literário não pode prescindir de todos os conceitos e técnicas de reportagem conhecidos, além de recursos literários e outros, mas também está atado ao sentimento de quem participa, uma vez que frieza e o distanciamento são altamente nocivos para o desenvolvimento da narrativa.

Em uma tentativa de classificar a entrevista, Edgar Morin, na obra de Cremilda Medina (2002), define o recurso em quatro elementos. Baseando-se nos livros-reportagem já expostos, podemos citar o recurso da entrevista-diálogo como o utilizado pelos autores do jornalismo literário.

Em certos casos felizes, a entrevista torna-se diálogo. Este diálogo é mais que uma conversação mundana. É uma busca em comum. O entrevistador e o entrevistado colaboram no sentido de trazer à tona uma verdade que pode dizer respeito à pessoa do entrevistado ou a um problema. (MEDINA, 2002 apud MORIN, 2002, p.15)

Toque de Anjo está baseado em todas essas ideias para garantir que os perfis apresentem a sensibilidade que o tema merece, uma vez que os voluntários da entidade lidam com pacientes portadores de doenças crônicas. Ter percepção sobre o assunto e saber captar os detalhes oferecidos pelos personagens sugerem uma riqueza maior no texto, principalmente se tratando de pessoas com câncer, e trazem uma nova realidade e possibilidade de abordagem do conteúdo na mídia local, regional, nacional e até internacional.

4.2 ETNOGRAFIA

O projeto se valeu, durante a produção do livro, da inserção da discente nos perfis e no capítulo de introdução. O recurso não está presente nos veículos de comunicações atuais, com exceção de editoriais e artigos de opinião, porque as

reportagens e matérias jornalísticas se valem do pressuposto de imparcialidade, em que a voz do repórter não pode se sobrepor aos das fontes, ou seja, o jornalista não deve opinar diretamente sobre assunto abordado.

Vilas Boas (2003) acredita ser uma maneira utópica e intransigente de pretender que o narrador inexistia ao padronizar o texto, “mas a lógica industrial da pirâmide invertida, com seus leads e subleads, é inútil em perfil. Informações e percepções não se acomodam em compartimentos estanques” (VILAS BOAS, 2003, p. 10).

As publicações jornalísticas são caracterizadas pela delimitação do repórter ter de enfatizar o presente da pessoa ou de ligar esse presente à própria razão de ser da matéria. O personagem deve ter um motivo para estar na capa ou no corpo da revista, por exemplo, seja pelo lançamento de um livro, a comemoração de uma data significativa ou até o envolvimento em alguma cena de crime.

Ao usar o artifício, o projeto ganha tom humanizado, que é característico do livro-reportagem. Lima (2009) garante que a reprodução do diálogo entre o entrevistador e o entrevistado - como depoimento direto ou ainda numa mescla que se combinam essas modalidades de apresentação com narrativa em primeira pessoa ou terceira pessoa - podem realçar o aspecto de humanização que se procura em quase todas as reportagens em profundidade.

Para quebrar essas limitações presentes na mídia impressa tradicional, a etnografia foi um dos métodos utilizados na coleta de dados. O termo antropológico é baseado no contato intersubjetivo entre o antropólogo e seu objeto de estudo, seja de tribos indígenas ou qualquer outro grupo social.

O *Guia Prático de Antropologia* (1971) preparado por uma comissão do Real Instituto de Antropologia da Grã-Bretanha e da Irlanda resgata diversas nomenclaturas próprias da ciência, entre elas a etnografia. É esse contato entre o pesquisador e o pesquisado que o projeto trabalha, porque as impressões obtidas pela discente são colocadas como um auxílio para a construção da narrativa.

Desde o dia em que as entrevistas são realizadas até a cor da roupa dos voluntários são detalhadas na obra para que o leitor tenha uma visualização própria do local e possa se colocar no lugar da ação, podendo até mesmo despertar a vontade de fazer trabalhos voluntários na entidade ou em qualquer outro espaço social da cidade.

Os autores, contudo, alertam sobre a necessidade de não se limitar inteiramente aos elementos autenticamente nativos do grupo para não deformar a situação real. De acordo com a obra:

Não se pode fazer um registro exato pela seleção arbitrária do material, nem se pode chegar a uma sadia compreensão de nenhuma cultura apenas pela observação de uma localidade apenas. A seleção do centro mais adequado para se levar a cabo um trabalho intensivo é um assunto de alguma importância. Não havendo dificuldades muito grandes que superar no tocante à língua ou à hostilidade dos nativos, será preferível escolher, como o primeiro centro de estudos, uma localidade bem afastada do foco principal de influência estrangeira. (REAL INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA DA GRÃ-BRETANHA E DA IRLANDA, 1971, p.60)

As interpretações próprias da discente proporcionam um variado rico de fontes junto aos entrevistados provenientes da entidade. O texto ganha elementos para consistentes para cumprir seu propósito de relatar o cotidiano dos voluntários e demonstrar os benefícios de suas ações aos pacientes com câncer do Hospital Amaral Carvalho.

5 O LIVRO-REPORTAGEM

A trajetória do livro *Toque de Anjo* iniciou em fevereiro de 2014, quando tive a oportunidade de entrar em contato com o Departamento de Comunicação e Marketing do Hospital Amaral Carvalho (HAC). A assessora de comunicação Ariane Urbanetto me apontou os caminhos necessários dentro da instituição para a elaboração do projeto.

A ideia surgiu devido ao conhecimento prévio do HAC, unidade que atendeu minha mãe, Sonia Maria Pontalti Monari, e demais familiares com câncer. Por outro lado, a Entidade Anna Marcelina de Carvalho me pareceu um interessante objeto de estudo, uma vez que minha avó, Geraldina Monegatto Monari, atuou na corporação e me contou diversas histórias de sua trajetória na organização entre 1993 e 2001.

Ao ler sobre o trabalho desenvolvido por esses grupos em sites de notícias e veículos de comunicação da cidade de Jaú, a proposta do livro-reportagem foi concebida e a preferência por perfis foi dada pela perspectiva de profundidade do tema e afinidade com o formato desenvolvida durante a graduação em jornalismo.

5.1 POR QUE A ENTIDADE ANNA MARCELINA DE CARVALHO?

O ponto de partida para a produção do livro-reportagem foi o conhecimento das ações realizadas pelo Hospital Amaral Carvalho (HAC). O jornal Comércio do Jahu e demais mídias da cidade de Jaú evidenciam em matérias e reportagens especiais sobre o trabalho desenvolvido dentro da instituição.

Contudo, eu não via grandes notícias a respeito dos voluntários, cujos benefícios eu sabia, por intermédio da minha avó e suas amigas, que sempre auxiliaram na superação de problemas e no tratamento contra o câncer. Por gostar de jornalismo impresso e, principalmente, de livros-reportagem, decidi abordar os 16 grupos da Entidade Anna Marcelina de Carvalho em perfis de jornalismo literário.

Meu primeiro contato para a elaboração do projeto foi com o Departamento de Comunicação e Marketing do HAC. A assessora de comunicação Ariane Urbanetto me explicou os trâmites que seriam necessários até a minha efetiva entrada na instituição.

Por meio de um e-mail, fiquei sabendo da necessidade da entrega de documentos e de um projeto, que seria aprovado pela Diretoria de Desenvolvimento em Saúde e pelo Comitê de Ética em Pesquisa. O coordenador do Centro de Pesquisa, Álvaro José Lança, me enviou os modelos de certificados por e-mail, que, ao todo, contabilizavam seis atestados, além do meu currículo Lattes e de meu orientador professor doutor Cláudio Bertolli Filho.

O processo começou em 3 de fevereiro de 2014 e os documentos são ofício de encaminhamento do projeto ao comitê de ética; folha de rosto junto a Plataforma Brasil; projeto elaborado segundo as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT); autorização do chefe de serviço da entidade; orçamento financeiro da pesquisa; termo de consentimento livre e esclarecido e termo de confidencialidade.

O parecer positivo para minha entrada culminou em diversas reuniões e encontros, contratação de seguro contra danos pessoais e elaboração de um crachá, que delimitava o meu acesso ao hospital entre 8 de setembro de 2014 a 20 de dezembro de 2014.

Enquanto o projeto era analisado, eu conduzi a pesquisa bibliográfica e me dediquei a conhecer o meu objeto de estudo: a Entidade Anna Marcelina de Carvalho. Delimitei os personagens do livro à apenas aos voluntários, pela dificuldade de acesso ao hospital, que me pedia detalhadamente o que eu iria fazer.

Se a narrativa também abordasse os pacientes, provavelmente, o *Toque de Anjo* não seria aprovado pelo comitê de ética, uma vez que a rotatividade e o fluxo de pessoas na unidade são grandes e o tratamento interfere no humor e nas condições físicas e emocionais do paciente, que nem sempre estão dispostos a falar.

Com o projeto aceito, as entrevistas foram realizadas a partir de setembro de 2014, com as minhas idas à entidade ou ao hospital diariamente durante as semanas seguintes. O contato com os grupos era feito durante o exercício do trabalho voluntário, por isso eu poderia me infiltrar e obter detalhes da ação desses agentes sociais no âmbito hospitalar.

As conversas eram gravadas com o auxílio do aparelho celular, porém, no Amaral Carvalho, eu apenas utilizava o bloco de papel e caneta para não intimidar os pacientes que, por ventura, se sentissem lesados diante de um gravador.

Informações oficiais sobre entidade e o hospital foram obtidas com a Ariane, que forneceu os dados e fotos para a elaboração do livro-reportagem, uma vez que na descrição do meu período de acompanhamento, deixei claro que não seriam feitas fotos para a publicação, uma maneira de facilitar ainda mais o meu ingresso na unidade, já que câmeras também poderiam inibir possíveis internos.

O Hospital Amaral Carvalho disponibiliza 100% de sua capacidade instalada para atendimento a pacientes do Sistema Único de Saúde (SUS) e atende anualmente 75 mil pessoas, vindas de todos os estados brasileiros. Ao todo, 1 milhão de procedimentos são feitos a cada doze meses, incluindo quimioterapia e radioterapia.

Sua unidade de apoio, o Hemonúcleo Regional de Jaú, é responsável pela coleta, tratamento e abastecimento de sangue e hemoderivados para 11 hospitais de Jaú e microrregião. Graças à esse centro, pesquisas e procedimentos de alta complexidade são realizados, posicionando o HAC como um dos principais centros médicos especializados em transplante de medula óssea do Brasil.

Dentre as informações divulgadas pelo Departamento de Comunicação e Marketing está a confirmação de que instituição é excelência na promoção de saúde e bem-estar aos pacientes com câncer, fato que é atestado pelos voluntários da Entidade Anna Marcelina de Carvalho que garantem benefícios e servem de apoio às pessoas desde o âmbito hospitalar até após o tratamento, caso não consigam remédios e alimentos.

A minha curiosidade era entender como um trabalho realizado uma vez por semana poderia garantir tantas benfeitorias aos agentes e aos pacientes, além da necessidade de querer compreender o que seria a humanização oferecida pelo HAC.

A opção pelo livro-reportagem deve-se à necessidade de aprofundar o tema proposto e dar voz aos personagens que não encontram espaço nos veículos jornalísticos existentes em Jaú e região. A escolha pelo perfil foi preterida pela vontade de narrar histórias de indivíduos anônimos, demonstrando sua sensibilidade e contribuição relevante para o assunto. A referência fundamental para a elaboração do projeto se deve a Caco Barcellos e a Gay Talese, cuja célebre obra *Fama e Anonimato* (1973) contribuiu como inspiração para o *Toque de Anjo*.

O nome para o projeto também foi escolhido pela comprovação de que os voluntários são realmente anjos nas vidas dos internos e dos profissionais do HAC. Cada ação promovida por eles pode ser considerada como um toque de alívio, de apoio e de carinho durante o tratamento, que pode se estender por meses ou anos.

5.2 PÚBLICO-ALVO

O público-alvo do livro-reportagem são os leitores interessados por perfis, que desejam conhecer o Hospital Amaral Carvalho (HAC) e tenham interesse em ler histórias desenvolvidas dentro de sua unidade. A estimativa é que a obra atinja homens e mulheres, de 20 a 60 anos, das classes A a C.

5.3 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O *Toque de Anjo* tem 148 páginas, dez capítulos – contando com a introdução -, além de prefácio e glossário. A obra é composta de papel “*Offset 75 gramas*” na cor branca, com tamanho 14x21 centímetros e as margens com as seguintes demarcações:

- Superior: 1,2 centímetros
- Interna: 1,7 centímetros
- Inferior: 1,2 centímetros
- Externa: 1,2 centímetros
- Sangria: 0,5 centímetros

A capa do livro-reportagem é confeccionada em “*Couche*”, sendo a fonte para o título em *Loosie Script*, pois relembra letras cursivas e é associada ao tom dramático e, ao mesmo tempo, moderno e leve. As medidas em relação à tipografia são:

- Título: *Loosie Script*, corpo 123, entrelinha 18
- Nome do autor: *Swiss 721 BT*, corpo 12, entrelinha 10
- Texto na contracapa: *Loosie Script*, corpo 11, entrelinha 0
- Texto na orelha do livro (obra): *Swiss 721 BT*, corpo 8, entrelinha - 25
- Texto na orelha do livro (autor): *Swiss 721 BT*, corpo 9, entrelinha - 10

Quanto aos capítulos, foi definido que o primeiro parágrafo seria alinhado à direita, para destacá-lo, devido à ausência de fotos e para dar coerência ao texto. A fonte usada para esse trecho de abertura foi a *Swiss 721 BT* – em formato light -, corpo 14 e entrelinha 17.

A fonte escolhida para cada título foi *Loosie Script*, em um corpo 55, entrelinha 24, porém para o corpo do texto, a fonte foi *Swiss 721 BT*, corpo 12, entrelinha 18, pois apresenta serifa, deixa a leitura mais leve e agradável, além de ser o padrão na maioria dos livros impressos atualmente.

5.4 FOTOS

As fotos dos personagens não foram possíveis durante a elaboração do livro, uma vez que o termo de acompanhamento assinado por mim na seção de Recursos Humanos do Hospital Amaral Carvalho (HAC) apenas previa a utilização de gravadores para as entrevistas, sem a captação de fotos ou filmagens para a preservação das fontes.

Contudo, o Departamento de Comunicação e Marketing me enviou algumas fotos que foram feitas durante a execução de trabalhos das voluntárias nos bazares ou na promoção de eventos para angariar fundos em prol da instituição. As fotos foram reproduzidas e enviadas por e-mail, sendo de direitos do respectivo autor e creditadas ao órgão competente.

Para a capa foi feita uma foto especialmente para o livro pelo repórter fotográfico Leandro Carvalho, que trabalha no jornal Comércio do Jahu. A imagem foi realizada dentro dos corredores do Hospital Amaral Carvalho, durante uma das atuações do grupo Remédicos do Riso.

A ideia era transmitir o toque desses agentes – considerados como anjos – em suas ações cotidianas. O sorriso do voluntário e o riso da paciente também servem como uma demonstração de alegria e de carinho proporcionado pelo filantropo em momento de descontração do tratamento. O tratamento das imagens em preto e branco caracteriza dramaticidade ao tema, que aborda a luta dos internos contra o câncer.

Na contracapa, a proposta era unir duas fotos de atuações dos voluntários em preto e branco para acentuar o efeito de emoção visual, alinhadas no canto superior, com o corpo do texto justificado ao centro da página.

5.5 FONTES E ENTREVISTADOS

Para a elaboração de um perfil dos grupos de voluntários, as entrevistas foram feitas de forma grupal ou individual, dependendo do número de pessoas que cada equipe dispunha. No apoio às refeições e na visita domiciliar, apenas uma voluntária opinou sobre o serviço realizado pela entidade.

As entrevistas foram marcadas com antecedência de até uma semana durante os meses de setembro, outubro, janeiro e fevereiro, por conflitos de agenda entre a fonte e a discente. O agendamento prévio era feito por telefone ou e-mail direto, sem a necessidade do auxílio da assessora de comunicação, Ariane Urbanetto, com exceção da elaboração da capa, em que ela precisou intervir para marcar o melhor horário com o grupo.

Antes do meu primeiro acompanhamento, recebi uma lista com todos os horários das equipes da entidade na secretaria. Por meio deste documento, guiei o meu roteiro de entrevistas, que eram feitas de manhã ou tarde de segunda a sexta-feira em seu local de ação – hospital, bazares ou sede. Os Remédicos do Riso foram a única exceção dessa constatação, uma vez que a atuação vista por mim foi feita no feriado de Nossa Senhora Aparecida, comemorado em um domingo de 2014.

As entrevistas eram divididas em etapas, em que a primeira consistia em observar o trabalho dos voluntários e fazer anotações para a composição do livro que eu julgava serem interessantes e a segunda era um diálogo, que poderia ser feito durante a atuação ou em uma sala a parte, depois do término das ações, com a ajuda do aparelho celular para gravar o conteúdo.

Com o material em mãos, fiz a transcrição de cada uma das entrevistas e agrupei as equipes por afinidade de temática, sendo assim, dos 16 grupos abordados, foram compostos nove perfis.

5.6 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO

A partir da definição do tema e do gênero, organizei uma lista de obras obrigatórias para obter conhecimento de técnicas de reportagem de abordagem narrativa, principalmente relacionando o jornalismo literário. Livros e artigos que desenvolvessem conteúdos como saúde pública e voluntariado também foram necessários para a elaboração da obra.

Autores que retratassem formas de se realizar uma entrevista, fugindo dos padrões do jornalismo diário, foram abordados e catalogados para auxiliar no projeto. Como o livro era composto por perfis, era importante entender e conhecer a associação de jornalismo-literatura e saber como funcionava as abordagens desse formato.

Além das pesquisas bibliográficas, o Departamento de Comunicação e Marketing do Hospital Amaral Carvalho ofereceu todo o suporte com materiais e releases sobre a história, diferenciais do atendimento e dados oficiais sobre o número de pacientes e procedimentos.

Um termo de consentimento para divulgação das informações e imagens foi assinado por todos os entrevistados e arquivado com a discente.

5.7 CUSTOS DO PROJETO

A impressão de três exemplares do livro custou R\$ 360. Em relação ao projeto gráfico do livro, a fotografia feita para a capa e a diagramação da obra, o profissional me cobrou R\$ 250.

Quanto aos livros usados para o processo do trabalho, não foi necessário comprar nenhuma obra, uma vez que algumas eu já tinha e outras foram emprestadas pela biblioteca da Universidade Estadual Paulista (Unesp), câmpus de Bauru.

5.8 EQUIPAMENTOS UTILIZADOS

Para a produção do projeto foram utilizados um aparelho de celular e um notebook, todos pertencentes à discente, não sendo necessário comprar ou emprestar.

5.9 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

Para o processo de produção do livro, foram desenvolvidas série de entrevistas com os personagens. As perguntas e os temas a serem tratados eram pré-definidos a partir do conhecimento da atividade desempenhada pelo grupo e por reportagens vistas pela discente em veículos de comunicação que abordavam o tema.

Após a transcrição das gravações e a organização dos dados obtidos nas entrevistas, das anotações sobre os detalhes do atendimento e da atuação dos voluntários e das minhas impressões sobre a interação com os pacientes, desenvolvi a narração dos perfis e da introdução.

O texto começou a ser produzido em meados de fevereiro de 2015 e o processo se encerrou no início de abril, quando o livro, após diagramação e revisão, seguiu para a impressão na gráfica.

5.9.1 Dificuldades

A minha maior dificuldade durante toda a produção do livro-reportagem foi lidar com a burocracia imposta pelo Hospital Amaral Carvalho (HAC). Apesar de entender a necessidade de imposições como essa para preservação dos referenciais e a garantia de bom atendimento, acredito que um número menor de documentos poderia atender às necessidades do comitê de ética.

A “papelada” atrasou em meses o projeto, tanto que, apesar de iniciar os trâmites em fevereiro, eu só consegui começar as entrevistas em setembro, o que desencadeou em sete meses de pedidos, encaminhamentos e análises.

Outro fator que serviu como contratempo para um bom andamento da obra foi a linguagem do jornalismo literário. Acostumada com trejeitos do *hard news*, foi um obstáculo a ser vencido para mim com muita paciência e grandes momentos de leitura dos livros indicados para a bibliografia.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *Toque de Anjo* mostrou que é possível produzir conteúdo jornalístico em formato literário, sem esbarrar apenas no aspecto factual da notícia, algo tão presente na mídia atual. O tema – saúde pública – ganhou a notoriedade que é necessária pelo destaque do voluntariado hospitalar, retratado pelo livro por meio das histórias oferecidas pela Entidade Anna Marcelina de Carvalho.

Os benefícios ao tratamento de pacientes com câncer realmente estão presentes nos 16 grupos da instituição. Seja no corte de cabelo, na oferta de palavras de conforto e oração, na distribuição de sorrisos ou na venda de produtos em bazares, é notável que sem esses agentes sociais na unidade grande parte da promoção social e do bem-estar – bandeiras da corporação – não seria realizada.

Explorar um universo tão sensível e tão vasto, ao mesmo tempo, foi um desafio, principalmente porque a doença traz dramas a famílias do Brasil todo diariamente. Lidar com a morte, com o sofrimento e com a tristeza fazem parte da vida dessas pessoas, porém eles usam desse pequeno “detalhe” para motivar e encontrar razões para viver.

Desenvolver um Trabalho de Conclusão de Curso em forma de produto me levou a colocar em prática todo o conhecimento e técnicas aprendidas durante a graduação, não apenas utilizando as técnicas redacionais e de apuração, mas também as noções de programas de edição e produção de livros.

Aprender a lidar com contratempos, com as dificuldades que poderiam aparecer, contribuiu para a minha formação profissional e amadurecimento. Fornecer um retorno à sociedade, enquanto estudante de universidade pública, foi uma preocupação que tive desde o início e espero ter contribuído para a reflexão e formação de conhecimento daqueles que cursam a faculdade de jornalismo e dos leitores em geral, que estejam ávidos para novas descobertas e histórias interessantes, seja no HAC ou em qualquer outra parte do mundo.

REFERÊNCIAS

BARCELLOS, C. **Rota 66**. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014. 350 p.

BERTOLLI FILHO, C. **História da saúde pública no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996. 71 p.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado, 1988.

BRUM, E. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006. 208 p.

CAPOTE, T. **A sangue frio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 432 p.

COIMBRA, O. **O texto da reportagem impressa: um curso sobre sua estrutura**. São Paulo: Ática, 1993. 184 p.

HOSPITAL AMARAL CARVALHO. **Página oficial**. Disponível em: <<http://www.amaralcarvalho.org.br>>. Acesso em: 1 maio 2014.

LIMA, E. P. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4. ed. Barueri: Manole, 2009. 470 p.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2008

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. 3. ed. São Paulo, Loyola, 2000. 111 p.

MONIZ, A. L. F.; ARAÚJO, T. C. C. F. **Voluntariado hospitalar: um estudo sobre a percepção dos profissionais de saúde**. Natal, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v13n2/07.pdf>> Acesso em: 1 maio 2014.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Página oficial**. Disponível em: <<http://www.paho.org/bra/>>. Acesso em: 1 maio 2014.

PAIM, J.; TRAVASSOS, C.; ALMEIDA, C.; BAHIA, L.; MACINKO, J. O sistema de saúde brasileiro: história, avanços e desafios. **Séries**, Salvador, v. 1, n. 1, maio. 2011. Disponível em:

<<http://download.thelancet.com/flatcontentassets/pdfs/brazil/brazilpor1.pdf>>. Acesso em: 1 maio 2014.

PATCH ADAMS. Direção de Tom Shadyac. Estados Unidos: Universal Pictures, 1999. 1 DVD (115 min.): Inglês 5.1 DD. Legendado. Port.

REAL INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA DA GRÃ-BRETANHA E DA IRLANDA. **Guia Prático de Antropologia**. São Paulo: Cultrix, 1971. 431 p.

SELLI, L.; GARRAFA, V.; JUNGES, J.R. Beneficiários do trabalho voluntário: uma leitura a partir da bioética. Rev. Saúde Pública, v.42, n.6, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v42n6/en_6566.pdf>. Acesso em: 12 maio 2014.

TALESE, G. **Fama e anonimato**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 536 p.

VARGAS, J. D. **História das políticas públicas de saúde no Brasil**. 2008. 32 f. Dissertação (Especialização em Aplicações Complementares às Ciências) – Curso de Formação de Oficiais do Serviço de Saúde, Escola de Saúde do Exército, Rio de Janeiro. 2008.

VILAS BOAS, S. **Perfis: como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003. 168 p.

APENDICE A: Entrevistas

ANEXO 1

Ofício de Encaminhamento

Jaú, 2 de maio de 2014.

Ilmo. Dr.
Éderson Roberto de Mattos
Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa
Fundação Hospital Amaral Carvalho

Prezado Doutor,

Sirvo-me do presente para encaminhar o Projeto de Pesquisa intitulado “Toque de Anjo”, de minha autoria, sob a orientação de Cláudio Bertolli Filho, para análise deste Comitê de Ética em Pesquisa.

Atenciosamente,

Ana Carolina Pontalti Monari
Estudante da UNESP/Bauru

ANEXO 2**AUTORIZAÇÃO DO CHEFE DE SERVIÇO**

Declaro que tenho ciência e autorizo Ana Carolina Pontalti Monari, a entrevistar na Entidade Anna Marcelina de Carvalho, para fazer parte do Projeto de Pesquisa intitulado Toque de Anjo, sob orientação Cláudio Bertolli Filho, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista.

Saliento que a presente pesquisa só poderá ser iniciada neste departamento após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Fundação Hospital Amaral Carvalho.

Jaú, __ de _____ de 2014.

Nome

Responsável pela Entidade Anna Marcelina de Carvalho

ANEXO 3**ORÇAMENTO FINANCEIRO DA PESQUISA**

DECLARO que durante toda a realização do Projeto de Pesquisa intitulado Toque de Anjo, não haverá ônus financeiro para o Hospital Amaral Carvalho.

Jaú, 2 de maio de 2014.

Atenciosamente,

Ana Carolina Pontalti Monari

ANEXO 4

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Toque de Anjo

Prezado(a) Senhor(a):

Gostaríamos de convidá-lo(a) para participar da pesquisa **“Toque de Anjo”**, a ser realizada em _____. O objetivo da pesquisa é demonstrar como o trabalho voluntário pode ser benéfico aos pacientes em tratamento do câncer. Sua participação é muito importante e ela se daria por meio de entrevistas e depoimentos de sua experiência pessoal.

Esclarecemos que sua participação é totalmente voluntária, podendo o(a) senhor(a): recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Esclarecemos, também, que suas informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade.

Esclarecemos, ainda, que o(a) senhor(a) não pagará e nem será remunerado(a) por sua participação. Garantimos, no entanto, que todas as despesas decorrentes da pesquisa serão ressarcidas, quando devidas e decorrentes especificamente de sua participação na pesquisa.

Os benefícios esperados são a divulgação do trabalho voluntário da entidade Anna Marcelina de Carvalho e os benefícios proporcionados pelas atividades voluntárias para os leitores do livro-reportagem Toque de Anjo. Contudo, será necessário a gravação do material por meio de gravadores ou celulares e seu nome será divulgado nos créditos do material.

Caso o(a) senhor(a) tenha dúvidas ou necessite de mais esclarecimentos pode nos contatar: Ana Carolina Pontalti Monari, Rua Duque de Caxias, 158, telefone (14) 3622-5944, celular (14) 99668-6556 e e-mail capmonari@gmail.com, ou procurar o orientador responsável pela pesquisa, prof. Dr. Cláudio Bertolli Filho, na Universidade Estadual Paulista, à Avenida Luís Edmundo Carrijo Coube, nº 1000, pelo telefone (14) 3103-6064 e e-mail cbertolli@faac.unesp.br.

Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas devidamente preenchida, assinada e entregue ao(à) senhor(a).

Jaú, ____ de _____ de 2014.

Pesquisador Responsável

RG: _____

_____ tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos da pesquisa, concordo em participar **voluntariamente** da pesquisa descrita acima.

Assinatura _____

Data: _____

ANEXO 5**TERMO DE CONFIDENCIALIDADE**

Eu, Ana Carolina Pontalti Monari, portador(a) do RG 48.948.551-0, e do CPF 375.990.088-70, residente na cidade de Jaú (SP), que este subscreve, comprometo-me a manter o sigilo das informações contidas nos dados coletados da Entidade Anna Marcelina de Carvalho, que estarei acessando para fins de pesquisa do projeto “Toque de Anjo”, bem como a manter o sigilo das informações contidas no banco de dados, trabalhando conforme os preceitos éticos da pesquisa.

Por fim, declaro estar ciente dos fins para os quais as informações serão utilizadas e assumo a responsabilidade civil, administrativa e criminal pela confidencialidade destas informações, a partir desta data, inclusive perante terceiros, respondendo judicialmente pelos prejuízos causados devido ao uso inadequado ou eventual má fé na divulgação e / ou utilização das mesmas, que constituem crimes previstos no Código Penal Brasileiro.

Ana Carolina Pontalti Monari